

Eletropaulo investe mais para evitar apagões

Volume a ser aplicado entre 2010 e 2011 é 40% superior ao do período 2008/2009

Renée Pereira

Depois da sequência de apagões ocorridos entre o final de 2009 e o início deste ano, a AES Eletropaulo decidiu reforçar os investimentos feitos em sua área de concessão, na Grande São Paulo. Até o ano que vem, a companhia vai aplicar R\$ 1,4 bilhão em novas subestações, linhas de transmissão, rede de distribuição e manutenção. O valor é 40% superior ao do biênio 2008/2009.

No ano passado, os indicadores de qualidade de energia da distribuidora registraram piora significativa, assim como o resto do Brasil. O DEC, que mede o tempo que os consumidores fi-

cam sem energia, subiu de 9,2 horas para 11,85. Em 2007, era de 8,9 horas; e em 2006, 7,87 horas.

O problema é que desde o início do ano a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) mudou o critério para punir quem descumpra metas de qualidade dos serviços. Agora, as empresas são obrigadas a ressarcir o consumidor pelo tempo sem luz. Só no primeiro semestre, a AES Eletropaulo desembolsou R\$ 16,9 milhões por causa dos apagões.

Para evitar que a conta suba, a empresa decidiu agir. Uma das frentes atacadas é a equipe de emergência, que faz o trabalho de religamento da rede. Segundo o diretor executivo de Operações da distribuidora, Sidney Si-

monaggio, o contingente foi elevado em 40%. No total, 1.200 novos profissionais foram treinados e vão trabalhar – a maioria – em empresas terceirizadas. O objetivo é reduzir o tempo de atendimento das ocorrências.

A área responsável pela poda de árvores também recebeu atenção especial, diz o executivo. O volume de serviços, que no ano passado foi de 140 mil podas, deverá atingir 340 mil em dezembro. Até agora já foi realizado o

mesmo número de podas de 2009. Segundo Simonaggio, 61% dos desligamentos da AES Eletropaulo têm origem na vegetação, como a queda de árvores sobre a rede elétrica, e 9%, de descargas atmosféricas.

“O problema não é a chuva, mas o que vem com ela, como o vento e os raios. No último verão, o volume de chuvas foi 94% maior que a média histórica e as descargas atmosféricas, 76% maior.” Só nas duas áreas, equi-

pes de emergência e podas, serão investidos R\$ 45 milhões.

O grosso do dinheiro previsto para o biênio, no entanto, vai para obras mais robustas, como a construção de três novas subestações, que vão beneficiar clientes das cidades Barueri, Santana de Parnaíba, Campo Limpo, Capão Redondo, Jardim São Luiz, Santo Amaro, Vila Andrade e Ermelino Matarazzo. Duas delas vão entrar em operação no primeiro semestre de 2011. A outra será inaugurada apenas em 2012.

Esse tipo de investimento, diz o executivo, eleva a capacidade de atendimento ao cliente e reduz a dependência dos consumidores em relação a uma só subestação. “Para suportar o nível de crescimento da rede, temos de construir 2,5 subestações por ano. É claro que não precisa ser necessariamente uma nova instalação, mas o aumento da capacidade de uma já existente.”

Outra iniciativa importante adotada pela empresa foi o aumento da automação da rede. Nesse caso, a empresa vai instalar cerca de 1 mil religadores na rede de distribuição. Dependendo da ocorrência, esses equipamentos conseguem restabelecer o fornecimento de energia sem a intervenção humana.

O professor da UFRJ, Nivalde Castro, acredita que o aumento de investimentos feito pela Eletropaulo seja acompanhado por outras distribuidoras por causa das penalidades adotadas pela Aneel. Mas ele afirma que o volume de recursos a ser aplicado em manutenção precisa ser maior do que vem sendo anunciado pelas empresas. “Toda empresa quer investir em novos ativos, pois ela é remunerada por isso. No caso da manutenção, não.”

PARA LEMBRAR

Os indicadores de qualidade de energia elétrica pioraram no ano passado. O tempo médio que o brasileiro ficou sem luz subiu de 16,63 horas, em 2008, para 18,70 horas. Foi a primeira vez, desde a privatização, que o número de horas que os consumidores ficaram sem luz superou o limite estabelecido pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), de 17,9 horas. A piora na qualidade começou a ser verificada em 2008 e se aprofundou em 2009 com o apagão de novembro, que atingiu 18 Estados. Além disso, uma sequência de desligamentos regionais contribuiu para elevar o indicador. Em várias regiões, o movimento se repetiu no primeiro trimestre deste ano. As distribuidoras atribuem o resultado às condições climáticas.



Despesa. AES Eletropaulo gastou R\$ 16,9 milhões por causa dos apagões do 1º semestre

Consultor prevê explosão tarifária no prazo de 5 anos

Sabrina Valle / RIO

Apontado como um dos maiores pensadores do setor de energia elétrica brasileiro, o consultor Mário Veiga, sócio da PSR Consultoria, projeta uma explosão tarifária nos próximos cinco anos. Isso apesar de o País ter folga na disponibilidade energética e pouquíssimas chances de enfrentar racionamento.

Segundo Veiga, a tarifa de energia elétrica deve pular dos R\$ 115 o megawatt-hora (MW/h) em 2010 para R\$ 147 em 2015. Um dos principais motivos apontados por ele para a disparada vem do aumento da contratação de energia termoeleétrica, mais cara. “A boa notícia é que tem muita energia. A má notícia é que vai ser cara à beça”, afirmou em palestra no 6.º Encontro de Negócios da Light, no Rio.

“Nunca antes foi contratada

tanta energia termoeleétrica. A conta cresceu sem crescer a demanda.” O incidente na Hidrelétrica de Itaipu em novembro do ano passado, quando o País sofreu um mega-apagão, aumentou o temor de falhas e provocou a redução da quantidade de energia transmitida pela usina, mais barata que a térmica.

Até 2013, quase 10 mil MW médios de energia termoeleétrica entrarão no sistema. “Isso equivale a uma Usina de Santo Antônio, uma Jirau, uma Angra 3 e uma Belo Monte juntas.” Os 10 mil MW foram contratados em 2008 em dois leilões, A-3 e A-5, com preço médio de R\$ 130 e R\$ 145 o MW/h, respectivamente.

De acordo com o consultor, cerca de 60% do aumento da energia está relacionado à contratação de energia nova, e os outros 40% se referem a contratos de energia já existentes, que serão renovados a partir de 2013. Mas o preço da energia deve ficar ainda acima do negociado nos leilões, já que, segundo Veiga,

● Para o Norte

A CCC foi criada para subsidiar a conta de cidades isoladas do sistema, que dependem da cara energia das termoeleétricas. Com a MP 466, a previsão de custo com a CCC quase triplicou.

ga, o governo subestimou a frequência com que as usinas térmicas seriam operadas.

O cálculo malfeito, segundo ele, contribuiu para estourar os Encargos de Serviço do Sistema (ESS), taxa criada para compensar custos imprevistos. A ESS passou da estimativa inicial de R\$ 17 milhões para uma previsão de R\$ 600 milhões neste ano.

Para completar, a Conta de Consumo de Combustíveis (CCC) – que poderia ter sido reduzida com a queda da demanda de termoeleétricas e a entrada em operação de uma linha de transmissão no Norte – acabou aumentando com a aprovação, no ano passado, da MP 466.

Professor quer inclusão do critério racial em ações afirmativas da UFRJ

RIO - A inclusão do critério racial nas ações afirmativas para ingresso na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) volta a ser defendida nesta quinta-feira (19) pelo professor do Departamento de Economia e membro do Conselho Universitário Marcelo Paixão. Ele participa da reunião na qual será definido o perfil do estudante cotista da universidade.

Histórico defensor das cotas raciais para pretos e pardos (que juntos somam mais de 50% da população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Marcelo Paixão avalia que a aprovação da medida é improvável. Mas argumenta que a reunião será um espaço para discutir as barreiras sociais que dificultam o processo de aprendizagem dos negros.

- A proposta é decorrente da constatação de que os alunos negros que estudam no segundo grau da rede pública convivem com barreiras específicas ao seu processo educacional não apenas decorrente da situação social precária, mas também de práticas sociais escolares hostis à presença de pessoas negras - afirmou.

O professor, que representa o Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas no Conselho Universitário (Consuni), avalia que a adoção de ações afirmativas pela UFRJ já será um grande avanço. Como a medida será colocada em prática no próximo vestibular, para ingresso em 2011, de maneira experimental, ele acredita que caberá mais avaliações sobre ela ao longo do ano.

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFRJ apoia a proposta do professor Marcelo Paixão e defende o fim da "meritocracia" para entrada na universidade. Os representantes dos estudantes chamam a atenção para os processos de exclusão social que influenciam negativamente o processo de aprendizado de alguns estudantes.

- Para a sociedade em geral, o aluno deve merecer entrar na universidade. Esse debate ignora que o desempenho acadêmico, intelectual, não é um produto individual, que em função das desigualdades sociais precisa ser relativizado - afirmou o diretor de Cultura do DCE, Kenzo Soares.